

A memória sedia-se no Espírito ou no perispírito?

“A verdadeira lógica é aquela que satisfaz plenamente a razão: ela não pode ser contestada; a falsa lógica não é senão um falso raciocínio sempre contestável.” (ALLAN KARDEC)

Inicialmente, trazer algumas explicações sobre a memória, buscando ver se é possível nos situarmos quanto a um provável “local” no corpo humano onde poderemos encontrá-la.

Em 29/07/2021 foi publicado na página **Viver Bem** (site UOL) o artigo “*Recordar é Viver?*”, assinado por Giulia Granchi, repórter da *BBC News Brasil*, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

Como a memória se forma

Para entender como a **memória é “guardada” dentro do cérebro**, um dos mais complexos órgãos do corpo humano, é necessário pensá-lo como uma rede. **Os locais exatos de armazenamento ainda são um mistério para os pesquisadores**, mas alguns mecanismos principais são conhecidos da ciência.

Se a memória fosse uma universidade, o hipocampo [estrutura neurológica que participa fortemente nos processos de emoção, aprendizado e memória] seria a reitoria, que é responsável pelo gerenciamento das coisas.

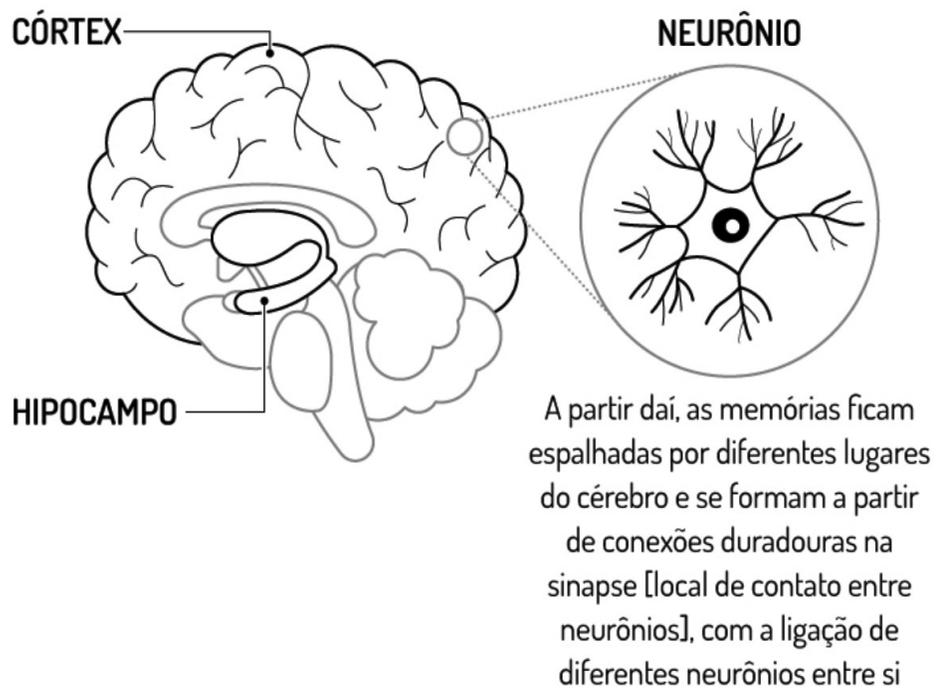
Viviane Louro, neurocientista e professora da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco)

O hipocampo é uma pequena estrutura que gerencia as memórias. Mas as memórias em si ficam armazenadas em diferentes áreas do cérebro, incluindo o córtex (camada externa) e regiões mais profundas (subcórtex), dependendo do tipo de lembrança.

É o hipocampo quem “decide” o que é importante ser memorizado e onde essa informação irá ficar armazenada no cérebro.

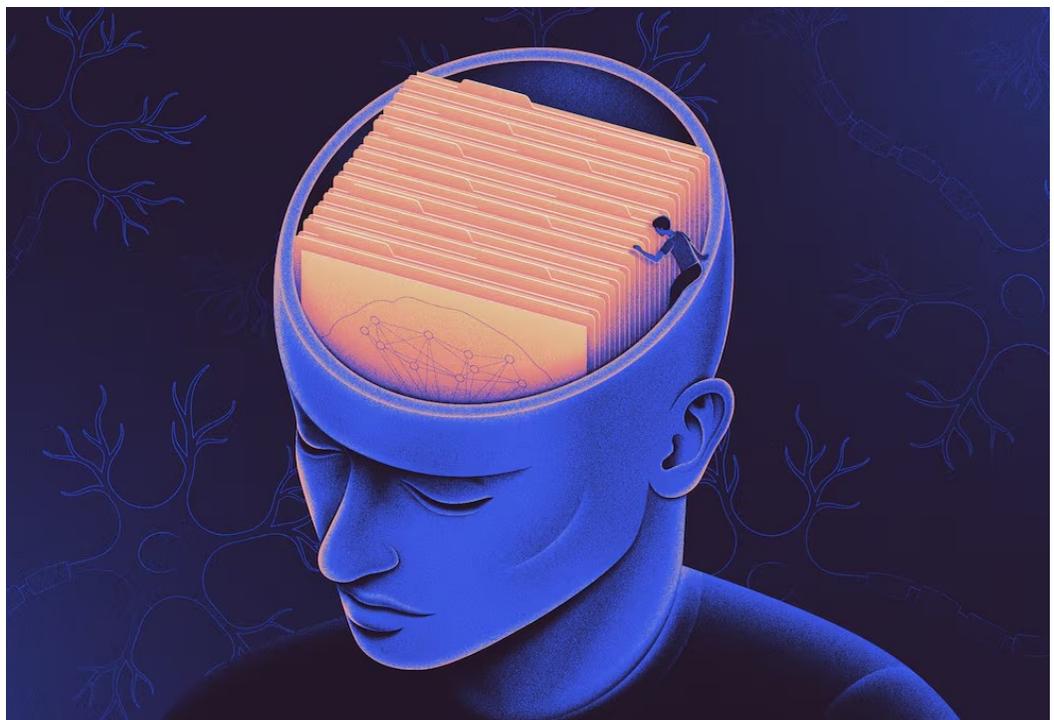
“Além disso, a estrutura tem um papel muito importante na recuperação das memórias. Quando nos recordamos de algo, significa que foi o hipocampo que fez com que a informação armazenada voltasse e fosse

lembrada, por isso dizemos que ele gerencia as memórias”, explica a professora.



(¹) (grifo nosso)

No site do **Estadão**, jornal digital, temos o artigo de Saugat Bolakhe, postado em 17/09/2023, intitulado “Onde o cérebro guarda cada tipo de memória?”, no qual, entre várias informações, lemos:



O sistema cerebral para armazenar memórias baseia-se, em parte, na utilidade que uma experiência pode ter como guia para eventos futuros Foto: *Kristina Armitage/Quanta Magazine*

Os cientistas sabem que a formação da memória é um processo de vários estágios pelo menos desde o início da década de 1950, em parte graças a

1 GRANCHI, *Recordar é Viver?*, link: <https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/como-funciona-a-memoria-como-melhorar-a-memoria-e-como-criamos-lembrancas/#cover>

estudos sobre o paciente Henry Molaison – por décadas conhecido na literatura científica apenas como H.M. Como ele sofria de **convulsões incontrolláveis originadas no hipocampo**, os cirurgiões o trataram removendo a maior parte dessa estrutura cerebral.

Depois disso, o paciente parecia bastante normal em muitos aspectos: seu vocabulário estava intacto; ele tinha memórias de infância e se lembrava de outros detalhes de sua vida antes da cirurgia. Mas sempre se esquecia da enfermeira que cuidava dele. Durante a década em que cuidou dele, ela teve de se apresentar novamente toda manhã. Ele havia perdido completamente a capacidade de criar novas memórias de longo prazo.

Os sintomas de Molaison ajudaram **os cientistas a descobrir que novas memórias se formavam primeiro no hipocampo** e depois eram gradualmente transferidas para o neocórtex. Por um tempo, presumiu-se que isso acontecia com todas as memórias persistentes. No entanto, quando os pesquisadores começaram a ver um número crescente de exemplos de memórias que continuavam dependentes do hipocampo a longo prazo, ficou claro que tinha mais alguma coisa acontecendo.

Para compreender a razão por trás dessa anomalia, os autores do novo artigo recorreram às redes neurais artificiais, uma vez que a função de milhões de neurônios entrelaçados no cérebro é incompreensivelmente complicada. Essas redes são “uma idealização aproximada dos neurônios biológicos”, mas são muito mais simples do que as redes reais, disse Saxe.

Assim como os neurônios vivos, elas têm camadas de nós que recebem dados, os processam e depois fornecem saídas ponderadas para outras camadas da rede. Assim como os neurônios influenciam uns aos outros através de suas sinapses, os nós das redes neurais artificiais ajustam seus níveis de atividade com base nas entradas de outros nós. ⁽²⁾ (grifo nosso)

Complexo? Sim, como também o é a tal rede de neurônios. Mas o principal é sabermos que a sede da memória, formada por uma extensa rede de neurônios, s.m.j., está localizada em nosso cérebro. A questão que se poderia levantar é: nós, os encarnados, conservaríamos a memória após a morte, já que “mudamos” de corpo, passando ele a ser totalmente fluídico?

Ao se afirmar que o Espírito é quem tem as sensações, a ideia que nos surge, em relação a algo que poderia comprovar isso, seria a EQM – Experiência de Quase Morte. As pesquisas nos dão conta de que uma parte das pessoas que passaram por uma EQM relatam todos, ou quase todos, os fatos ocorridos durante o período em que elas ficaram técnica e cientificamente “desligadas do mundo material”, sem que o Eletroencefalograma registre impulso elétrico de atividade cerebral ⁽³⁾.



O detalhe que inicialmente nos intriga é que nem todos os indivíduos que passam por uma EQM se lembram, fato que nos leva a inferir que a lembrança

2 BOLAKHE, *Onde o cérebro guarda cada tipo de memória?*, disponível em: <https://www.estadao.com.br/ciencia/onde-o-cerebro-guarda-cada-tipo-de-memoria/>

3 Eletroencefalograma, disponível em: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSh4EaSBGfDdallM7UYrhqSjCFhBasavXbLvablvoBLJ1kQIDmkq-_6nfc_tI2NuYl9J9I&usqp=CAU

seria uma excepcionalidade e não regra, porém não temos a menor noção do motivo disso acontecer.

A existência de outros estados de emancipação da alma – sono, êxtase, transe mediúnico, etc. – em que o paciente não relata absolutamente nada do que ocorreu no período, abre espaço para que seja admitida a possibilidade de que o Espírito precise do “local” específico para registrar os fatos, tal como ocorre no cérebro físico, quando encarnado.

Em ***As Aparições Materializadas dos Vivos e dos Mortos - Tomo I: Os Fantasmas dos Vivos*** (1909), o autor Gabriel Delanne (1857-1926), destacado pesquisador espírita francês, esclarece:

[...] a hipótese de um desdobramento da mãe parece, ao menos, também provável, já que naquele dia, indo se deitar, ela disse: “Tenho certeza de que Helen está muito doente”, o que prova que ela estava preocupada com o estado de saúde da sua filha. **Que ela não tenha retido a memória de sua saída extracorpórea, é o que comumente ocorre e não deve nos surpreender, pois estando o espírito fora do corpo, ele não mais impressiona diretamente o cérebro material, de modo que a memória é geralmente obliterada por tudo o que se passou durante sua excursão noturna.** ⁽⁴⁾ (grifo nosso)



O desdobramento ou saída extracorpórea, aqui mencionado por Gabriel Delanne, seria um dos estados de emancipação da alma, no caso em questão, durante o sono, situação na qual o Espírito se desloca do corpo físico, mas mantém-se ligado a esse por um laço, fato que lhe permite ir a qualquer lugar onde seu interesse estiver direcionado: *“Pois onde está o teu tesouro aí estará também o teu coração”* (Jesus, em Mateus 6,21).

Segundo Gabriel Delanne não há lembrança do que aconteceu no período do deslocamento *“pois estando o espírito fora do corpo, ele não mais impressiona diretamente o cérebro material”*. Em princípio diremos que o registro ocorreu em algum local, a questão é saber se será no Espírito ou no seu perispírito.

Julgamos que uma outra situação de emancipação da alma ou saída extracorpórea seria nos casos de possessão e de incorporação, segundo a designação de alguns estudiosos, em que o Espírito do encarnado se afasta do corpo físico, situação essa que permite a um Espírito desencarnado, temporariamente, acoplar-se nele e usá-lo conforme queira. Acreditamos que também nesse caso o fato de não se lembrar do que ocorreu no período tem como base no que Gabriel Delanne explicou para o desdobramento, já que ambas situações têm como pano de fundo o mesmo fenômeno de emancipação da alma.

4 DELANNE, *As Aparições materializadas dos Vivos e dos Mortos - Tomo I: Os Fantasmas dos Vivos*, p. 140.

Se a lembrança dos fatos durante uma EQM for uma excepcionalidade como descrevemos, então haveria a necessidade de um “local” para que a memória seja registrada. Ora, se isso acontece em relação ao encarnado, por que razão seria diferente com o desencarnado, que, como informam os Espíritos, também tem matéria na composição do seu corpo espiritual, ainda que em estado rarefeito? Acreditamos que essa analogia poderá ser feita, sem que isso venha a ferir algum postulado doutrinário.

Em situações nas quais uma pessoa leva uma pancada na cabeça pode ocorrer a perda temporária ou definitiva de fatos passados. Isso, a nosso sentir, demonstraria que não é no Espírito que se registra a memória, mas no cérebro material. Entendemos que no caso de um Espírito desencarnado, o registro seria no cérebro espiritual, que como sabemos, não deixa de ser matéria.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Dez/2023.

Referências bibliográficas:

DELANNE, G. *As Aparições materializadas dos Vivos e dos Mortos – Tomo I: Os Fantasmas dos Vivos*. Limeira (SP): Editora do Conhecimento, 2023.

BOLAKHE, S. *Onde o cérebro guarda cada tipo de memória?*, disponível em: <https://www.estadao.com.br/ciencia/onde-o-cerebro-guarda-cada-tipo-de-memoria/>. Acesso em: 18 set. 2024.

GRANCHI, G. *Recordar é Viver?*, disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/como-funciona-a-memoria-como-melhorar-a-memoria-e-como-criamos-lembrancas/#cover>. Acesso em: 18 set. 2024.

ELETROENCEFALOGRAMA, imagem disponível em: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSh4EaSBGfDdalIM7UYrhqSjCFhBasavXbLvablvoBLJ1kQIDmkq-_6nfc_tI2NuYl9J9I&usqp=CAU. Acesso em: 02 mai. 2025.